

## 7- Conclusão

### De volta ao começo

*A ciência pode classificar e nomear os  
órgãos de um  
sabiá  
mas não pode medir seus encantos.  
(...)  
Quem acumula muita informação perde o  
condão de  
adivinhar: divinare.*

*(Manoel de Barros; Livro sobre nada)*

Toda conclusão é um desafio por sua própria e pretenciosa natureza. Concluir é o objetivo da tese, o fim da linha, talvez. O ponto ao qual se chega após a aventura a que se foi capaz de abandonar. É também aqui que se mostra nossa força ou nossa debilidade. Na conclusão, o leitor (a banca) exercita o direito e o poder de nos pôr à prova, de legitimar – ou não – nosso pensamento, de dizer se tudo o que passou ficará ou foi inútil. Por isso, a conclusão é também um exercício de humildade. É um mostrar a sua própria incompletude a partir da incompletude da sua escritura. É ver-se mínimo diante das ambições do seu trabalho, pequeno perante o vulto do seu objeto. Portanto, é necessário cuidado e modéstia. O olhar sempre atento para a constatação da verdade: você não escreveu a tese, porque ela permanece em suas entranhas, reclamando diante da sua incompetência. O que você escreveu não passa de um rascunho, entre tantos outros já feitos, que por um momento de narcisismo intelectual você imaginou diferente, capaz de contribuir de alguma forma na configuração do pensamento de seu mundinho acadêmico. E a conclusão parece um fracasso, porque, apesar de tudo, é preciso concluir. Concluímos com a sensação de que o melhor ainda não chegou. Parece que a força impressa em cada página, no corpo das palavras registradas na folha branca de papel, nos diz, a todo momento, que poderíamos ter feito mais e melhor. Como fugir a essa sensação de impotência? Como escapar ao abatimento resultante do esforço que nos parece em vão? No entanto, fizemos o melhor. Será o suficiente? Não será, porém, essa decepção o vazio que define a escritura? O livro, ou a tese, não está sempre por se escrever?

Entendamos, então, que a conclusão é mais um protocolo do que aquilo que parece, aquilo que a nomeação define: fechamento. Não fechamos a questão, pois a questão não pode ser fechada. Acreditamos, com a tese, ter aberto o caminho para uma discussão que nos pareceu – menos modestia: nos parece ainda – de suma importância para aqueles que se preocupam com a expressão do homem contemporâneo. Sobretudo, com a expressão que se dá pela linguagem verbal no ponto em que ela ainda é liberdade: a poesia. E como o título é sempre uma promessa, vejamos se a tese cumpriu a palavra empenhada.

“Fases do poeta pop. O caso Manoel de Barros na poesia brasileira contemporânea” é um título que promete muitas coisas. Em primeiro lugar, uma subversão, sugerida na aproximação entre duas categorias aparentemente tão distintas: poeta e pop. Porém, se falamos em poesia contemporânea, talvez o nó não fique tão atado para o leitor. Afinal, nosso leitor implícito sabe que existem implicações entre as manifestações contemporâneas e a cultura pop, de modo que poesia pop contemporânea não constituiria assim uma surpresa. A surpresa pode aparecer no espaço do meio da enunciação. Manoel de Barros. Esse foi o nosso problema. Curiosamente, de maneira brincalhona, alguns colegas de jornada perguntavam, em relação à tese: qual é o seu problema? Rindo, respondíamos: Manoel de Barros. E em que medida o poeta resultou em problema? Na medida de nosso problema maior e geral, que ultrapassa em nossa vida a preocupação pragmática com a poesia de A ou B para desenvolver uma tese. Pois que a tese, para nós, precisa estar amalgamada à vida, externando nossas confusões e dilemas. O resto é impostura. E esta tese é a nossa vida. A vida que já existia antes dela e que a ela se seguirá um pouco mais rica. A tese foi (é, ainda) uma passagem necessária. Travessia.

Mas, então, qual é o nosso problema? Nosso problema é a vida, o homem e a linguagem, constituídos num só. Trata-se do questionamento sobre a experiência humana que se faz possível no furacão de mudanças que nos atropela e reconfigura a cultura a cada momento. Diremos, assim, que nossas indagações partem, sempre partiram, das possibilidades de o homem, permanecendo em sua humanidade, interagir com o outro, expressar-se com o outro e conseguir dizer de si aquilo que

nem sempre é possível dizer pelos caminhos convencionais da linguagem e da racionalidade. E aí, nos voltamos para as articulações irracionais da linguagem e estacionamos na expressividade da arte. Se a arte é a força que mantém a humanidade do homem numa contemporaneidade dominada pelo mercado, pela máquina, pelo efêmero, pelo virtual, pela imagem, pela euforia, enfim, da problemática pós-modernidade, que arte é essa e como ela se comporta e, principalmente, que negociações ela faz para que se mantenha condão de humanidade? Todavia, uma pergunta assim é muito ambiciosa. Continua lançada para além da tese. Escolhemos, pois, concentrar nossa atenção na poesia. E isso não foi gratuito. Diante do panorama multiculturalizado, virtualizado, performatizado do sistema em sua condição pós-industrial, o papel da poesia, pela lógica, viria mais e mais a se apagar. A literatura, em geral, poderia sofrer uma transformação que a relacionasse apenas aos grandes investimentos de mercado, através das editoras mais importantes. Todavia, embora essa suposição não seja totalmente infundada, tornando-se necessário questionar o espaço real da literatura em nossa cultura, até mesmo para que nosso trabalho especulativo sobre ela não redunde em masturbação intelectual, ainda encontramos, e de uma forma que nos parece cada vez mais forte, nichos ocupados com a leitura do texto literário mais sofisticado e com a sua produção e circulação. Ao mesmo tempo, presenciamos uma situação curiosa: pareceu-nos, ao abordar inicialmente a questão, que justamente o que dá hoje impulso à literatura é a virtualidade da internet, que à primeira vista poderia ser indicada como sua sentença de morte. É claro que em nenhum momento achamos que a literatura estivesse correndo tamanho risco. Não somos mensageiros do apocalipse. Mas nos interessamos muitíssimo pela questão, que nos soa neste momento como visceral, da permanência da literatura para além dos muros da academia. E para evitar críticas que atacassem algo que parece, realmente, uma simplificação do problema, lançamos nossos olhos para a poesia. Agora, sim, teríamos uma questão real, pois, à revelia dos *best sellers* que nos gritam o tempo todo que a literatura e o suporte livro não vão acabar, o que muda é a configuração do circuito, a leitura de poesia afetivamente não é uma preferência cultural. Como explicar sua sobrevivência? Como entender o fenômeno poético, e a experiência à

qual ele está ligado, em plena supremacia da imagem? O caso Manoel de Barros nos chegou como a proposta de um desafio. Repentinamente, encontramos um poeta erudito, sofisticado, um poeta de livro, que sem fazer concessões ao mercado é um *best seller* brasileiro. E mais, traduzido em diversas línguas, com “passe” disputado entre editoras importantes do país. Apreciação por sua poética à parte, percebemos que ali havia algo muito sério, especial, de interesse fundamental para nossas questões, que já nos acompanhavam há muito tempo.

Manoel de Barros, então, era o nosso problema. Ele concretizava nossas preocupações pré-tese e levantava, agora formalmente, como se enuncia na Introdução deste texto, nossa principal questão: como um poeta erudito, de livro, com mais de noventa anos pode ser um *best seller* em plena sociedade do espetáculo, num país problemático no campo da leitura e que não lê poesia? Nossa proposta, portanto, proposta lançada para nós mesmos, foi investigar esse fenômeno. Entender que havia nesse poeta algo que era diferente e permitia a formação de um circuito específico que o privilegia com a compra de seus livros, com a popularidade de sua figura e com as apropriações de sua obra. Investigamos, durante a pesquisa, o possível diferencial desse poeta, entendendo tratar-se de um caso diferente e curioso na poesia brasileira. Primeiro estranhamento: poesia brasileira contemporânea? Como assim? Manoel de Barros é um poeta de inscrição na modernidade. Trabalhos importantes apontam nessa direção, e não estávamos convencidos de que fosse diferente. Porém, estávamos, sim, convictos de que havia algo mais. Manoel de Barros nos pareceu uma figura complexa, cuja face moderna poderia representar apenas uma perspectiva. Decidimos ser um tanto cubistas e tentar enxergá-lo sob vários ângulos ao mesmo tempo, e isso envolveria trabalhar criticamente sobre sua obra a partir de uma visão moderna que relacionasse linguagem e experiência. Acreditamos ter dado conta desse recado. A partir daí, poderíamos arriscar voos mais radicais e, de dentro da teoria poética da modernidade, questionar a visibilidade de um poeta que, sendo moderno, não deveria, por regra, aparecer tanto. Mas ele aparecia mesmo?

Eis-nos diante de outra face de Barros: o poeta que encanta o público com sua dicção singela das coisas da terra, do chão e da natureza. O arauto da simplicidade

humana ao ponto da coisificação, cujos versos são repetidos por aquelas sensibilidades que se sentem agredidas pela sociedade de consumo. Manoel, o ecológico, aquele que ensina a ver os seres da natureza em sua pequenez e podridão. Manoel, o lúdico, que liberta o homem da prisão imposta pelo racionalismo da linguagem. Enfim, Manoel das imagens insólitas, que apelam aos sentidos do corpo ao mesmo tempo em que ressoam como notas de sabedoria. As faces de Manoel começam a se multiplicar ao gosto do público enquanto suas vendagens ultrapassam um milhão de livros. E o Manoel moderno precisa ser investigado sob algum outro prisma. Sem deixar de ser moderno, surge a face do poeta vendável. De dentro da escritura da modernidade se ergue uma voz que, sem rechaçá-la, realiza a traição suprema da visibilidade midiática, entranhando-se na vida de um público não-especializado que se vê motivado por suas palavras. Ou, em outros casos, pela figura construída em torno do poeta ao longo da configuração de seu circuito. É assim que podemos passear pelas apropriações de sua obra desde os trabalhos mais sofisticados – filmes, música experimental, por exemplo -, até os mais primários e interessados – como os brindes produzidos para a promoção de **Só dez por cento é mentira**, que se tornam objetos de desejo da mesma forma que brinquedos oferecidos por redes de lanchonetes às crianças que fazem um lanche. Essa face de Manoel não é moderna. Corresponde à realidade possível na sociedade do espetáculo e atesta o poder de sobrevivência, de resistência, da escritura em meio à hostilidade do sistema das estéticas espetacularizadas e sensacionais.

Assumir as armas do inimigo. Melhor: não reconhecer inimigos, mas entender a necessidade, não de transigir ou conceder, mas de conciliar para se fortalecer. A escritura de Barros não é transigente. Ele sempre escreveu sobre o que quis, sobre suas questões pessoais com a literatura e com a linguagem. E é com essa honestidade que sua obra se estabeleceu como uma das obras poéticas mais importantes da atualidade. Outra face de Barros – “o maior poeta brasileiro vivo”. Não entramos aqui nesse mérito, nem o fizemos na tese. Mas trata-se de uma face divulgada sem pudor pela mídia e tida como consensual. O que nos interessou, no entanto, foi analisar a imagem desse poeta diante do público, verificar as diversas faces que ele assume de acordo com as leituras e as necessidades. Investigar o desejo do homem

contemporâneo seria nossa mais pretensiosa empreitada. O que foi possível: iniciar esse movimento a partir do olhar sobre as faces de Barros.

As faces de Manoel de Barros começaram a se desenhar tardiamente. Isso foi um dado bastante significativo em nossas reflexões. Por quê? Como? Foram tais as questões que nos empurraram para a pesquisa inicial. Encontramos no óbvio o que pareceu para nós um excelente ponto de partida. A poesia existe por causa da vida. Por causa das pessoas. Por causa do leitor. Essa relação com o público nos moveu a um trabalho de mapeamento das impressões dos receptores de Barros, para buscar nas suas palavras o seu desejo, desejo que os leva ao poeta. Nesse caso, um poeta cuja face indefinida é a de um povo por quem (em intenção de quem) ele fala. Um poeta da Vida, como diz Deleuze, capaz de captar as ideias que circulam em sensações, traduzindo-as em sua escritura. A literatura, assim, existe em favor da vida. É o leitor real e vivo que mantém Manoel existindo como figura poética, e é com ele, e é agora, que o poeta se comunica. Poesia pronta para ser recebida hoje: contemporânea. Poesia que se conecta aos anseios do leitor hodierno, que se dá à leitura seja ela qual for e como for. “Você pode fazer o que quiser com a minha obra”, disse o poeta um dia a sua amiga Bianca Ramoneda. E ela fez “Inutilizas”. Mais tarde, outros fizeram muito mais. E continuam fazendo, gozando a liberdade oficial concedida por Manoel. E se alguns, mesmo sem o conhecerem, se submetem aos valores subjacentes à promoção de sua figura pela mídia, isso talvez seja prova de que a poesia corresponde a um poder simbólico que é tácito e absorvido superficialmente, sem senso crítico. Mostra-se capaz de circular nos mais diversos meios e comunicar-se das mais variadas formas, assumindo o aspecto efêmero da moda ou, ao contrário, concentrando-se na faceta da moda que corresponde à conservação dos valores – no caso, o valor da leitura. O poeta, então, será a estampa da camiseta, ou o livro caro das obras completas que deve ser publicado ainda em 2010. O poeta é pop.

Não nos alonguemos além da conta. Até porque, se o protocolo exige a conclusão, não nos parece que a fizemos. Ao contrário, sentimos o desconforto de iniciar um trabalho maior do que nós e que se mantém muito longe do seu termo. cremos que todas as questões aqui levantadas merecem mais aprofundadas

considerações, que não tiveram lugar porque, infelizmente, ou felizmente, quem sabe, a tese não é infinita. Há uma hora de parar. E paramos à nossa própria revelia, pois que este texto já nos parece, neste momento, ultrapassado. Além de tudo, investigar demais, analisar demais, pode ser uma armadilha. Pode nos levar ao vício da perfeição, que é uma demanda impossível e paralisante. Ao quisermos ser perfeitos, não chegamos a lugar nenhum, por vergonha mesmo de dar nossos passos tão simplórios. Sendo assim, vamos nos despir da vergonha e entregar este texto gestado na intuição. O método veio para fortalecê-la e dar ao trabalho a feição acadêmica que ele deve ter. Mas informação demais atrapalha, como diz nosso poeta. E acreditamos nele, já que, quanto mais informações, maior a consciência de nossa incompetência. Portanto, desfrutemos o desconforto de saber quando parar e entregar o texto de dor e prazer que nos consome, embora saibamos que, depois deste, virão outros e outros. No momento, levemos a tese à vida (à banca). Assim como a poesia existe pela vida, esta tese é a nossa vida, por enquanto.